

LIXO!

Em todas as cidades civilizadas os serviços de limpeza e higiene, se não são gratuitos, são pelo menos de custo fácil. Os municípios, cumprindo uma função social que ainda não foi compreendida neste país, procuram por todas as formas manter, não só nas ruas, como até dentro da própria casa do munícipe uma higiene escrupulosa. A garantia da saúde colectiva está nas facilidades de higiene e limpeza que as instituições oficiais dão a cada lar, a cada indivíduo.

Em Portugal nunca se pensou a sério nestas coisas. E, quando se pensa, é para fazer asneiras. A Câmara Municipal de Lisboa nunca esteve integrada na sua missão—cuidar da vida e da saúde dos seus munícipes. Acaba agora de demonstrar, duma maneira mais prática e palpável, quanto desprezo lhe merecem os munícipes, em cujo nome fala e delibera.

Pretende a Câmara, por sugestão do presidente da comissão executiva, aplicar uma taxa original aos habitantes de Lisboa. Devido a essa taxa, quem tiver lixo em casa terá de pagar para se ver livre dele.

Essa taxa será directamente paga pelos inquilinos dos prédios, servindo de habitação e será lançada mensalmente, consoante a importância da renda de casa, nos termos da seguinte tarifa:

«1\$00 esc. para as casas de renda mensal até 50\$00; 2\$00 de 50\$01 a 100\$00; 3\$00 de 100\$01 a 200\$00; 4\$00 de 200\$01 a 300\$; 5\$00 de 300\$01 a 400\$00; 6\$00 de 400\$01 a 600\$00; 7\$00 de 600\$01 a 800\$00; 8\$00 de 800\$01 a 1.000\$00; 40\$00 de superior a 1.000\$00.

Além da imoralidade que já constitui esta contribuição, ela é duma flagrante injustiça, na maneira como incide sobre os inquilinos mais pobres. Mas, nem em princípio é admissível a aplicação duma taxa ao munícipe. Partindo do princípio justo de que a Câmara deve, por uma questão de higiene, facilitar aos habitantes condições de limpeza, as medidas que o município pretende agora pôr em prática constituem um vexame para a população de Lisboa.

E' curioso que "são isentos do pagamento de remoção dos lixos" os pobres? Os párias? Não! «São isentos os estabelecimentos comerciais ou industriais existentes na área do conselho de Lisboa». Os que melhor poderiam pagar é que não pagam. Mas nem para estes nós desejariamos a contribuição. Queríamos que a Câmara cuidasse de maneira diversa dos interesses da população de Lisboa, e, em vez de sobrecarregá-la com posturas parvas, mandasse fazer um inquérito às tristes condições de alojamento em que vivemos, e estudasse a forma de remediar essas condições de vida que envergonham uma cidade civilizada.

O DESCRÉDITO DO ESTADO

Desapareceram ilegalmente da circulação as cédulas de 20 centavos

O público é que tem de pagar as culpas que cabem quase exclusivamente à Casa da Moeda?

A guerra às cédulas de 20 centavos há dias que vem atingindo o auge do exaustivo. Chegou-se a recusar as cédulas de 20 centavos que tinham curso legal, que foram fabricadas na Casa da Moeda. A Companhia Carris foi uma das entidades que assim procedeu, dando aos seus empregados ordens terminantes para que as não aceitassem dos passageiros. Esta audácia prova bem o poderio que aquele monopólio usufrui no país, poderio que até lhe permite recusar moeda que tem curso legal, descredenciando assim o próprio Estado. E o Estado fechou os olhos, ocultou os ouvidos, fazendo de conta que não viu nem ouviu um desacato tão público, gritado pelos seus empregados, alguns dos quais trataram materialmente os passageiros. Essas cédulas mercê da impiedosa guerra que lhes foi movida pela Companhia Carris e pelos comerciantes, esses «sublimes mártires», essas infelizes vítimas tão exaltadas pelo *Século*, desapareceram literalmente da circulação.

A Casa da Moeda tomou, nesta questão, uma atitude fantástica recusando-se a aceitar as notas falsas. Dirá que a Casa da Moeda não deve receber dinheiro fabricado ilegalmente. Assim deveria ser. Mas, durante bastante tempo a Casa da Moeda aceitou cédulas falsas, em mau estado, trocando-as por cédulas legais. Deste modo ela tinha assegurado curso livre e oficial a todas as falsificações emitidas.

Além disso deixava, com conhecimento de causa, circular cédulas falsas, sem tigrir, sem tigrir... E' estudando em sossêgo as

EM AMSTERDAM

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores encerrou os seus trabalhos, aprovando na sua última sessão algumas alterações aos estatutos

(Do nosso enviado especial)

AMSTERDAM, 28.—Encerrou ontem os seus trabalhos o 2.º Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores. Foram seis dias de ininterruptos trabalhos, que decorreram com muita calma e elevação. Durante esse curto espaço de tempo foram versados os mais interessantes e variados assuntos em que a verborrea latina levaria o dobro do tempo.

Na última sessão discutiu-se vivamente as alterações aos estatutos da A. I. T. A discussão foi mais acalorada na parte referente ao aumento da cota. Esta, como é do domínio público, estava fixada em 1 l12 sobre as receitas dos organismos aderentes.

Alguns delegados discordam da proposta de alteração em virtude da situação financeira dos organismos que representam não poder comportar esta nova exigência.

O representante da C. G. T. de Portugal apresentou uma declaração em que afirma ser materialmente impossível à central portuguesa neste momento aceitar o aumento da cota.

O delegado português ainda se referiu às dificuldades monetárias de algumas centrais. Findas as suas considerações foi aprovada a proposta que a seguir reproduzimos:

«Que seja fixada a cota de 10 centavos por aderente e por ano, com base estabelecida de superior a 1.000\$00.

As Juventudes Sindicalistas reconhecidas pelo Congresso

Depois da aprovação daquele documento o Congresso ocupou-se da existência das Juventudes Sindicalistas.

O representante da central portuguesa expôs qual tem sido a existência e a função das Juventudes Sindicalistas em Portugal. Julga o mesmo delegado, que a nova fase seguida pelos organismos juvenis do país, a que pertence está perfeitamente integrada na moção dos camaradas italianos.

Betzer, das Juventudes Sindicalistas da Alemanha, considera de grande interesse para o movimento operário o desenvolvimento das juventudes.

Reforça as opiniões do delegado português, por serem as mais atiladas em face da função que aqueles organismos estão cometida.

Rousseau, da Holanda, descreve a largos traços o papel que a Juventude Sindicalista desempenha na vida revolucionária. Emite a opinião de que deve ser alimentada a existência daquelas organizações.

Rocker faz uma brilhante exposição da função que está adstrita à Juventude, explicando qual a missão que ela tem a desenvolver.

O dia de 6 horas vivamente defendido

O congresso discute agora uma moção sobre o estabelecimento do dia normal de 6 horas de trabalho.

Todos os delegados se ocupam largamente do problema, tanto mais que ele visa a combater a crise de trabalho que assola todas as indústrias.

falsificações que apareciam, inquirindo com apaixonada curiosidade peculiar aos sábios, da sua evolução... Estudou, estudou, mas nunca preveniu o público a fim deste recusar as cédulas ilegais... E animados por este silêncio, entusiasmos com a aceitação das suas emissões pelo Estado, os falsificadores prodigalizaram o número dos papelinhos de 20 centavos. Só agora que a falsificação se desenvolveu, querendo mortalmente a moeda do Estado, é que a Casa da Moeda vem com estas tardias prevenções.

O público é que não pode ser prejudicado tendo que pagar, com os seus fracos proventos, as consequências duma culpa, duma grande culpa que cabe totalmente ao Estado e em especial à Casa da Moeda.

O povo, que tinha conhecimento que as cédulas eram recebidas por toda a parte, nos estabelecimentos do Estado e na própria Casa da Moeda, confiava nelas plenamente por esse facto. E agora é que tem de ficar com elas, perdendo o valor que lhes era atribuído?

A fúria guerreira

A Polónia vai aumentar o exército. Os socialistas pela guerra

VARSOVIA, 6.—Foi aprovada uma nova lei de recrutamento militar, pela qual novos mancebos vão ser ainda este ano chamados às fileiras.

E' para notar que esta proposta de lei perfeitamente militarista, foi votada a favor pelos socialistas. (L.)

NA BULGÁRIA

Um novo «complot» comunista?

SOFIA, 6.—Foi descoberta uma nova conspiração comunista, que planeava a eclosão dum golpe de estado em 15 do corrente, o qual seria iniciado por um movimento revolucionário dos camponeses. (L.)

A CHINA AGITADA

Espera-se uma nova guerra civil

LONDRES, 6.—Segundo um telegrama de Tien-Tsin para o «Morning Post», uma nova guerra civil está em vésperas de rebentar na China, muito mais terrível que a última que ali teve lugar, entre os partidos dos dois generais Thung e Feng. (L.)

Depois de algumas explicações e de ser estudado o *modus faciende* da sua aplicação foi aprovado por aclamação aquele documento.

Também foi aprovada uma moção sobre a moralização da produção e responsabilidade de produtores.

E' eleito o Comité Executivo da Internacional

O Comité Executivo da Internacional, após larga apreciação por alguns delegados, ficou assim constituído: Rodolfo Roc-

ker e Auguste Soucy, Alemanha; B. Lansink, Holanda. A sede do Comité continua a ser em Berlim.

Sobre o local do próximo congresso iniciou discussão de alguns delegados, ficando pendente dum «referendum» às organizações aderentes.

A sessão de encerramento

Na sessão de encerramento fizeram uso da palavra grande número de delegados. Especializo os seguintes discursos:

Rocker afirma que a A. I. T. tem progredido consideravelmente, sobretudo depois da Conferência de Insbruk. Exprime os votos de que se deve provocar o engrandecimento da Internacional, pois a sua tarefa é árdua e carece de forças para levar a bom termo. O Congresso aplaude vivamente as últimas palavras do orador.

Lansink, em nome dos sindicalistas revolucionários da Holanda, apresenta as saudações de despedida ao Congresso.

Kater, na qualidade de presidente, num rápido discurso de despedida tem algumas palavras sobre o valor dos trabalhos aprovados que devem ter uma rápida execução.

Em seguida é encerrado o Congresso no meio de indiscutível entusiasmo.

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

Edifício onde se reuniu o Congresso. À X indica a janela do salão onde decorreram as sessões

O capitão Sadoul está sendo ilibado de culpa

Os processos vergonhosos do reaccionário Clemenceau indignam a assistência e sofrem rudes ataques

ORLEANS, 3.—Hoje passaram à barra as testemunhas de defesa: políticos, advogados e escritores, na maior parte.

A boa fé e a lealdade do acusado parece terem sido postas fora de dúvida. Ferdinand Buisson, presidente da Liga dos Direitos do Homem, vem dizer que em 1918 recebeu várias cartas de Jacques Sadoul, em que este revelava ser um homem bem sincero e amante do seu país.

Seguem: Bauley, amigo de infância do acusado; Barbusse, o celebre escritor; Mistral, deputado, e todos fazem o elogio do capitão.

O nome das testemunhas vai desfilar pouco a pouco e todas depõem em favor.

Esta parte do depoimento do oficial interpretado Labry é espontânea e interessante.

«Segundo a minha opinião, o maior erro que houve nisto tudo foi de terem, por razões económicas, empurrado Sadoul para a vida de soldado, de o terem querido curvar a hierarquia militar, quando a sua vida e as suas inclinações o levavam para um caminho oposto ao do militarismo.

«Foi um erro que me custou bastante caro»—confirmou o acusado.

O «chauffeur» Dubuis afirma que Sadoul o arrancou da prisão, bem como a muitas religiosas e a outros camaradas seus.

Uma voz acusa

Chega a vez de Ernest Judet se aproximar da barra das testemunhas. Fala durante bastante tempo e com um acento de voz bastante enérgico:

«Jacques Sadoul e eu éramos os representantes das ideias contrárias a Clemenceau, a quem incomodávamos. O resultado não se fez esperar: fomos perseguidos e acusados de alta traição. Foram encontradas acusações falsas nos nossos «dossiers» e inventaram-se falsas testemunhas. Criou-se uma lenda, que eu pela minha parte tive bastante trabalho em anular.

«E se eu esperasse que Clemenceau já não estivesse no poder, para entrar em França, as razões são fáceis de compreender. No dia em que eu fui absolvido, depois de ter sido condenado à morte por contumacia, o presidente do júri felicitou-me. No entanto, dois anos antes teria sido fusilado.

Depois da deposição de Deslignières que defende com calma o capitão Sadoul, o presidente pergunta à testemunha o que ela pensa duma carta em que Sadoul teria escrito:

«O exército vermelho a que eu me orgulho de pertencer, dentro em pouco destruirá o inimigo... Se for necessário, estas heróicas tropas vermelhas irão a Paris ditar a lei mundial...»

O acusado e os advogados gritam que é falso.

Procura-se a carta em questão. Não existe. Afinal chega-se à conclusão de que aquelas palavras foram apenas inseridas num relatório da polícia e atribuídas a Sadoul num comício comunista.

No final da audiência, Sadoul ergue-se, sem que tenha descoberto a mínima acusação contra ele. Pelo contrário Clemenceau e a sua política são vigorosamente criticados.

V. T.

A REVOLTA DOS ESCRAVOS...

O leopardo inglês e os indígenas do sudoeste africano

Telegramas de Londres informam que os indígenas do sudoeste africano se revoltaram contra o domínio inglês. E que pediram à Sociedade das Nações a sua completa independência.

Eu constato com alegria este facto. Os gritos da Liberdade fazem estremecer assim os sertões escravizados. E eu escuto-os com respeito e alvoroço.

Depois da Índia, das colónias inglesas orientais e semi-orientais, vem os indígenas africanos proclamarem o seu direito à emancipação.

E o leopardo inglês, sempre faminto, sempre voraz, ver-se-á obrigado a recolher suas garras exploradoras. Porque nada mais tem sido, a obra colonizadora de Inglaterra, que uma obra de exploração. Em nome do seu poder civilizador, ela vai escravizando e fomentando seus sinistros interesses.

Durante os últimos séculos o mundo tem visto esse país projectar em toda a parte sua mercenária sombra—não recuando ante as selvas virgens, os mares remotos ou os sertões inclementes.

Sua bandeira chega a ser um símbolo de rapinagem, tão grande como essas outras bandeiras que levavam a cruz de Cristo e sob cuja égide os portugueses massacravam e exploravam indígenas indefesos.

Mas aproxima-se a hora das reivindicações. Onde se tem destruído até agora o estandarte negro dos dominadores, flameja hoje, ainda hesitante mas prestes a vencer, o estandarte vermelho dos libertadores.

A liberdade também não recuou ante as selvas virgens e ante os sertões inclementes e vai agora expatriar dali os escravizadores que lá se tinham acotado.

Não é ainda uma liberdade absoluta—pode haver verdadeira liberdade chancelada pela Sociedade das Nações—como a deseja hoje a Europa, mas é a abertura das primeiras sendas livres, que serão trilhadas pelos escravos redimidos.

E temos assim de assinalar essa liberdade sociologicamente infantil, como uma grande conquista para aqueles que liberdade alguma tinham.

A revolta foi abafada pelo militarismo

CIDADE DO CABO, 6.—A revolta do Sudoeste Africano terminou rapidamente após a proclamação da lei marcial.

Os rebeldes renderam-se incondicionalmente e sem combate, às tropas governamentais que cercaram a principal povoação por eles ocupada.

REPÚBLICA RUSSA

Persistirão os soviéticos e os acordos com os outros Estados

MOSCOU, 6.—Foi promulgada pela comissão executiva central da União das Repúblicas Socialistas dos Soviéticos Russos uma nova lei de protecção à forma de Estado e às instituições soviéticas.

A lei ressalva, contudo, não molestar de qualquer forma os acordos já existentes com países estrangeiros. (L.)

Nas docas de Londres

LONDRES, 6.—Terminou a greve dos trabalhadores das docas. (L.)

A FALANGE DO ÓDIO

é alimentada pelas "forças vivas" e pela sua imprensa

O *Século*, positivamente, cada vez vai resvalando mais baixo na sua cravaria mental e processos jornalísticos. Ou há de aparecer com as suas colunas esmaltadas de diatribes venenosas, em prosa e verso, dum sabor provinciano, que só agora se vêem num órgão daquela espécie e com as suas responsabilidades de informação; ou bota editoriais gênero pastelão, como aquele de ontem, assentando os seus amigos burgueses, para fazer o jôgo que lhe convém.

Ontem, o motivo trágico era a *falange do ódio*, monstro sangüinário como os dragões da fábula, que o articulista lançou às pernas do burguês adormecido, a ver se este se resolve a dar, de vez, a sua adesão às «forças vivas».

Afinal, no fundo, tudo negócio, tudo interesses. O *Século* a fingir que zela a ordem e a vida dos burgueses conservadores, para que estes comprem o *Século*, para que anunciem no *Século*, para que adquiram aquele resto de acções do *Século*,—um raio dum negócio que às vezes faz dores de cabeça aos grandes caudões Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira.

Como os compadres das «forças vivas» às vezes se esquecem dos grandes serviços que o *Século* lhes tem prestado, este vai-os lembrando, armando sobre as suas cabeças imagináveis perigos, e insinuando-lhes que a única maneira de se salvarem da *falange do ódio* e doutras hidras revolucionárias e jacobinas é... aderirem à União dos Interesses Económicos e darem a sua cota para um governinho militar...

E' impagável aquele *Século*! Agora descobriu a *falange do ódio*—e apresenta-nos esse perigo, emoldurado em lugares comuns, como coisa nova, como se a psicologia do ódio fosse uma característica das sociedades modernas; como se o ódio, a virtude, o amor e tantos outros sentimentos não fossem tão velhos como o mundo!

Será o *Século* capaz de nos apresentar um novo aspecto de ódio que não tivesse surgido já, e muitas vezes, na história e na vida?

Evidentemente que não. Mas se assim é, porque, então, apareceu ontem em ares trágicos de ténica novidade, agitando o espectro duma *falange do ódio*, como se esta fosse o produto duma recente conspiração revolucionária?

O *Século*, nos últimos tempos, usa e abusa desses processos porque conta com a ignorância de certo público que ele se habituou a explorar, e porque, com esses *trucs* de meter susto aos homens de dinheiro, vai arranjando a sua vida... e a de muita gente que medra e medrou à sua sombra.

O que o *Século* quer, o que ele deseja, é que os indivíduos de dinheiro se unam à sua volta e lhe deem influência, para os Pereira da Rosa, os Roques, os Alfredo Ferreira e outros, que ainda ontem não eram ninguém, irem subindo e inchando de vaidade.

O que o *Século* quer—éle que já arranja

MODERNA INQUISIÇÃO!

Em Ceia os presos são mortos pela fome, pelo frio e pelo abandono

Por esse país fora milhares de criaturas estão sofrendo a ignominiosa tortura das prisões que é a maior de todas as torturas até hoje inventadas. Milhares de criaturas sofrem duramente as consequências do relaxamento, da indiferença e da desumanidade dos municípios e dos governos. Essa horda dos grandes delinquentes que praticam os maiores crimes vota o pequeno delinquente e até o delinquente imaginário a um grande desprezo.

Tem-se pelo preso a indiferença que se sente por um cadáver. Um homem que entra para uma cadeia, a cumprir pequena ou grande condenação ou simplesmente a aguardar julgamento, é um homem que morreu para a sua vida. Ninguém mais se importa que a sua dignidade seja calçada, que o frio o proste, que a fome o mate, a falta de higiene o faça adoecer ou que não possa a sua roupa para se cobrir. Se ele entrou para a cadeia... Mete-se um homem numa cadeia como se põe uma pedra sobre um túmulo. Fica lá, como se estivesse num sepulcro, condenado ao esquecimento e ao abandono. Até morrer ninguém se ocupa dele...

O cárcere de Ceia não foge à regra. Aquela cadeia é uma espelunca onde o sol nunca entra. A higiene não existe nela. O ar entra apenas por uma janela. Fábrica de tuberculosos. Preso que lá entrou—tuberculiza-se. A mais sólida organização não resiste.

A cadeia é o terror do concelho; todos a receiam como se pode recear a morte. Chove lá dentro quase como chove na rua. Nem sequer possui retrete! As camas não existem. Em seu lugar: tarimbos, tarimbos, que consistem numas táboas de madeira velha e suja. E' nessas táboas que os presos têm de dormir. Mantas—não há. Enxergas—não existem. Que durmam sofrendo

a dureza da tarimba e a sua sugidade; que durmam apesar do frio intenso; que durmam apesar de a chuva impiedosamente os fustigar. Que admirar que após uma noite de inverno um preso consiga dormir mas que nunca mais acorde? Ainda não há muito tempo que lá morreu um desgraçado conhecido por «Lazarinhos». Matou-o a tuberculose ou melhor: foi morto pela cadeia...

Os manipuladores de pão de Lisboa reunidos em assembleia geral, aprovaram uma moção dando todo o apoio moral e material à campanha levada a efeito por este jornal.

As «maravilhas» do fascismo em Itália

Mussolini receia a verdade e quer proceder contra a imprensa

Mussolini, há dias, fez na Câmara italiana o discurso que todos esperavam, celebrando o enterro do Protocolo de Genebra.

Era de esperar a atitude do chefe do fascismo que ordenara o bombardeamento de Corfu e que recusara a interferência das potências no conflito italo-grego. Em compensação aproveitou a ocasião para insultar a imprensa das esquerdas, isto é, a imprensa liberal, republicana, socialista, etc., que apresenta exactamente a Itália sob a dominação dos Camisas Negras.

E' fácil acusar Mussolini acusa estes jornais de alterarem sistematicamente a realidade. Provar é mais difícil, e não são as comunicações que, segundo ele próprio, o ditador dirige quotidianamente aos seus embaixadores, que conseguirão impôr ao público o respeito pelo regime ditatorial.

Quando se fala do assassinio de Matteotti, do de Piccini e muitos outros, quando se enumeram os crimes sangrentos dos Camisas Negras, contentamo-nos em citar os factos que os jornais italianos expõem correntemente, mesmo sob a fiscalização da censura. Além disso, o que cria a opinião pública no estrangeiro, o que a ergue contra o fascismo, não são só as condenações justas e movidas que são publicadas nos jornais, mas os próprios discursos dos chefes fascistas.

Temos a certeza de que o último discurso de Farinacci é mais de recar para os próprios mussolinistas que vinte artigos polémicos.

A decisão que Mussolini quer tomar contra os correspondentes da imprensa estrangeira, as medidas graves que os seus amigos reclamam, demonstram simplesmente que ele receia a verdade.

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os documentos sobre os crimes fascistas

Os vendedores de jornais continuam lutando contra "O Século"

Os "rapazes" do Porto iniciaram no domingo o movimento de solidariedade

Passaram já oito dias sobre o início do movimento dos vendedores de jornais. Há oito dias que os bravos rapazes lutam contra a empresa exploradora de *O Século*. Há oito dias que não se verifica nas ruas da capital a venda do órgão das "forças vivas" pelos humildes lutadores. E há oito dias que se assiste ao espectáculo da venda em automóvel da folha dos "cirineus".

No entanto, a pesar de todos os inconvenientes, da reconhecida razão dos valentes rapazes, o feudo da rua Formosa não modifica a sua atitude.

O público demonstra ao potentado feroz que está com os vendedores, que pelos corajosos ovariários tem toda a consideração. Ainda há dias, um dos automóveis com que habitualmente se procede à venda do órgão das "forças vivas" a despeito duma larga digressão até ao Poço do Bispo só conseguiu vender um exemplar! Apenas um!!

Ontem houve nova desilusão para o Sr. Pereira da Rosa. Abriu a venda do *Século*, mas os vendedores não apareceram. O órgão das "forças vivas" teve mais uma prova da solidariedade daquela classe, do valor da sua união.

E embora o conflito se arraste por muitos meses a atitude não se modificará, porque os vendedores têm todas as condições para vencer.

No Porto iniciou-se no domingo a luta contra "O Século"

O gesto dos vendedores de jornais da capital foi já secundado pelos seus colegas do Porto.

Desde domingo que *O Século* deixou de ser vendido pelos vendedores de jornais, que estão inteiramente solidários com os seus camaradas de Lisboa.

Esta digna atitude tem sido muito apreciada em toda a cidade, contando os vendedores com o apoio do público.

O movimento ali assumiu o mesmo aspecto do que em Lisboa, a pesar da manifesta contrariedade dos "cirineus" citadinos.

A assembleia da classe aprovou o relatório dos delegados enviados ao Porto

A assembleia dos vendedores de jornais reuniu ontem na sede da Associação de Classe Liga dos Vendedores de Jornais.

Os delegados que foram ao Porto apresentaram o relatório da sua missão, o qual a assembleia escutou com a máxima atenção.

Falaram vários delegados que se congratularam com a atitude dos vendedores do Porto, sendo resolvido que a greve prosiga até completa vitória.

Por aclamação foi aprovado o relatório referido, aos vivos à solidariedade e à união de toda a classe.

Um amarelo provocador

Rosa Pires de Matos é a vendedeira habitual do Régio. Foi acusada de boicotar os jornais que se destinavam a uma drogaria do bairro da Belga. A pesar da falsidade da acusação, a Rosa Pires foi ontem insultada e ameaçada por Joaquim Parólio, um dos amarelos ao serviço do *Século*.

Tudo isto foi passado na presença da polícia que petrificadamente assistiu à cena.

Que grande valentão é este Parólio!

A solidariedade dos organismos operários

Em assembleia geral dos manipuladores de pão de Lisboa foi aprovada uma moção dando o apoio moral aos vendedores de jornais pela sua nobre atitude e aconselhando a classe a não comprar *O Século*.

e sobre a responsabilidade de Mussolini vão aparecendo a pouco e pouco.

Um documento esmagador

Abaixo transcrevemos um que diz respeito à agressão cometida há tempos contra o deputado Amendola, um dos chefes da oposição e a que *A Batalha* teve ocasião de referir-se.

Este documento demonstra como o crime foi planejado pelo general Bono, ex-chefe de Segurança, sob a instigação do ditador. E a confissão do chefe de grupo fascista Vico Terrone ao seu comandante Pagliassini que aqui transcrevemos, confissão que foi entregue à comissão do Supremo Tribunal de Justiça.

Publicaremos apenas o essencial:

"Pouco mais ou menos no dia 20 de Dezembro, o consul Mário Candelori, comandante da 112.ª legião da milícia fascista, perguntou-me se eu estava disposto a participar numa acção violenta (contra certas personalidades que combatiam a obra do governo fascista), acção que devia ser posta em execução em vista de certas ordens recebidas pelo general Bono.

"Devíamos atacar primeiro que todos, Candelori, ex-deputado e director do jornal *Paese*, mas após cinco ou seis tentativas inúteis, foi-me dada ordem para operar contra Amendola.

No número dos agressores encontravam-se Bernacchia e Cincinato Biana, chefe de grupo de milícia fascista, Mercuri (hoje preso por estar inculcado no assassinato dum vendedor de jornais) e Falchetti, ex-miliciano fascista expulso pelos seus antecedentes judiciais.

Como se tratava de matar gente duma certa categoria, fiquei profundamente impressionado; mas tive ocasião de me assegurar que S. Ex.ª Mussolini assim o exigia. Houve várias conversas com o Bono e este deu ordens formais para que Amendola fosse apenas agredido à paulada e que mesmo no caso em que ele se defendesse com armas na mão, nos abstivéssemos de o suprimir.

Decidimos por fim agir desse lá por onde desse e no dia 26 de Dezembro o ataque efectuou-se.

As nossas entrevistas com o general de Bono e o consul Candelori continuaram e fornecio à justiça elementos suficientes, restando que o inquérito da Segurança pública seja arquivado."

CONFERÊNCIAS

«História da evolução política das sociedades»

O dr. sr. Santa Rita realizou na secção da Universidade Popular do Alto do Pina uma interessantíssima conferência sob o tema *História da evolução política das sociedades*, última da série que ali levou a efeito sobre História da Civilização.

Ocupou-se o ilustre conferente da organização das sociedades primitivas; mostrando como as condições económicas da vida social influem na organização política; os povos caçadores não apresentam qualquer organização rudimentar de estado, ao passo que os povos pastores, pelas próprias condições da sua vida, realizam uma organização fortemente disciplinada, exercida pelos patriarcas. Descreveu as lutas entre povos caçadores, pastores e agricultores, de que resulta o estabelecimento de um regime tributário, cobrado pelos vendedores, que acaba pela instalação destes no seio da sociedade viciada, originando a distinção entre suzeranos e vassallos. Tratou das diversas formas do estado feudal, exemplificando com povos africanos, asiáticos e europeus. Tratando especialmente do feudalismo na Europa, narrou a sua evolução e extinção, o desenvolvimento de um poder real que extingue o feudalismo com o auxílio do povo, o desenvolvimento daquele poder e a crise por que passa; as ideias políticas que geram as formas republicanas e monárquicas constitucionais e como, tendo-se atingido uma forma superior de organização política, essa forma foi imitada fora da Europa e se espalhou por todo o mundo civilizado.

Mostrou como principalmente devido às condições económicas os princípios da Revolução Francesa não realizaram o que deles se esperava e a transformação por que estão passando, o de crédito de algumas das ideias fundamentais do século passado em matéria de organização política.

Terminou agradecendo a assistência a estas conferências e felicitando os operários que procuram instruir-se e incitando-os, em nome da Universidade Popular Portuguesa, a que prossigam conjugando os esforços para obterem a melhoria económica a que tem direito com a cultura intelectual indispensável para que a sociedade progreda. A Universidade Popular mostra que entre os denominados intelectuais portugueses não falta quem esteja pronto a cumprir o dever de auxiliar o operariado nessa aspiração. O dr. sr. Santa Rita foi no final da sua conferência, muito aplaudido.

A república em frente da reacção

Conforme fora anunciado foi inaugurada a 2.ª série de conferências na sede do Grémio Excursionista do Monte com uma conferência de D. Maria O'Neill de que resultou um belo trabalho oratório e colectivo, tendo sido grande a assistência.

A conferência que hoje se realiza será feita pelo sr. Lino da Silva sob o tema «A república em frente da reacção política, clerical e financeira».

Nacional

O trabalho de Chaby no ABADE CONSTANTINO continua sendo todas as noites sublinhado pelos aplausos do público.

Marítimo que desaparece

arrastado por uma âncora ao fundo do mar

PENICHE, 4.—No lançamento ao mar, em Peniche de Baixo, de uma armação pertencente ao sr. Romina, estando toda a tripulação a trabalhar na largada dos ferros para fixar a embarcação, o tripulante Manuel Rico, de 27 anos, natural de Labes, casado, com um filho, quando se estava a lançar um ferro que pesa 3 toneladas, foi agarrado por uma perna para o fundo do mar, não tornando a aparecer. Apenas o boneco dele voltou à tona de água. Todos os esforços dos seus camaradas, para o encontrar, resultaram inúteis.—E.

SAPATEIROS

—Oficiais para salto forrado precisa-se, que sejam perfeitos no trabalho.—Rua Maria Pia, 286, 1.º.

AGREMIÇÕES VARIAS

Liga Pró-Moral.—A comissão administrativa participa aos seus consócios que a sede é nas Escolas Gerais, 15, 1.º, esquerdo, e que as reuniões se realizam às quintas feiras, às 21 horas.

A assembleia geral reúne hoje, às 20,30 horas, para continuação da ordem dos trabalhos.

Liga de Instrução e Progresso da Escola Afonso Domingues.—Reúne amanhã, pelas 21 horas, no edifício da escola, a assembleia geral, para tratar, entre outros assuntos, da excursão a Queluz.

'A Batalha' na provincia e arredores

Marinha Grande

Os democráticos, «amigos» da instrução

MARINHA GRANDE, 4.—Os democráticos desta terra acabam de dar provas do desprazo que lhes inerece a instrução. Em duas salas do centro democrático funcionavam várias aulas onde a professora sr.ª D. Leonor Gândara leccionava o curso dos liceus do 1.º ao 5.º ano.

Os dirigentes do centro, apesar de receberem renda dessas salas, não tratavam com a devida consideração a professora e os alunos, e, ultimamente, levaram o seu ódio à instrução ao ponto de forçarem a sr.ª D. Leonor Gândara a dar as suas aulas na sala mais pequena, trancando e barricando a outra.

A comissão administrativa da Associação dos Manipuladores de Vidraça, tendo conhecimento desse gesto pouco digno de homens que têm ou dizem ter ideias democráticas, e do descontentamento, bem fundamentado, da professora, convidaram-na a ir leccionar para a sala de sessões do sindicato, convite a que a sr.ª D. Leonor Gândara acedeu, funcionando agora essas aulas na Associação dos Manipuladores de Vidraça.

Felizmente que ainda há quem não possua o apregoado «amor» dos democráticos à instrução...—C.

NA RUA 24 DE JULHO

FOI ONTEM ASSALTADO UM GOBRADOR

O assalto aos cobradores de bancos ou de grandes empresas financeiras que estiveram em voga, no estrangeiro, parece que foram importados para este país. A vítima destes assaltos é sempre um pobre diabo que mal ganha para comer apesar de trazer consigo, por dever profissional, grandes quantias.

Ontem deu-se, em Lisboa, um desses assaltos. Cerca das 13 horas o sr. Eduardo Costa, cobrador da Companhia Portuguesa de Pesca, ao atravessar a linha férrea, em Santos, próximo ao Frigorífico, foi assaltado por três indivíduos que o agrediram, causando-lhe ligeiras escoriações e arrebatando-lhe uma mala que trazia com valores que se elevam a 120 contos. Os assaltantes correram depois em direcção duma «side-car» que desbocou do beco da Galheta, disparando alguns tiros para o ar com o fim de atemorizar quem tivesse intenção de persegui-los. A «side-car» desapareceu velozmente.

Os assaltantes sofreram uma grande decepção, pois que a mala que arrebataram apenas continha 5 contos em dinheiro, sendo o restante cheques, que decerto não chegariam a receber por os bancos a quem eles se destinavam terem sido prevenidos a tempo.

Correios e Telégrafos

Nos dias 8 e 9 de abril corrente é obrigatória a afixação (como sobretaxa), em todas as correspondências postais e telegráficas não isentas de franquia e encomendas postais, trocadas dentro do continente, entre o continente e ilhas para o Ultramar, do selo da taxa de 10 centavos, creado pela lei n.º 1653, de 25 de agosto findo, e bem como a aplicação do selo de multa de 20 centavos nas correspondências que não apresentem o referido selo.

Agressão a tiro

Industrial ferido por um operário que há tempos despedira

Domingos José de Almeida, de 52 anos, natural de Lisboa, e residente na rua do Livramento 67, 2.º, esquerdo, é sócio da Metalúrgica Benfita Limitada, na estrada de Benfita. Há tempo esteve ali trabalhando um fundidor de nome Pedro da Gama Oliveira, o qual foi despedida há cerca de um ano. Ontem de manhã, foi o Almeida à doca do Jardim do Tabaco, a fim de fazer um embarque para o Barreiro.

Quando se dirigia para a doca encontrou-se com o Pedro que lhe pediu trabalho, no que o não atendeu seguindo o seu caminho e afastando-se do fundidor. Terminado o embarque, pelas 13 horas, dirigia-se o Almeida para casa, para almoçar, quando ao passar no largo do Chafariz de Dentro, foi de novo abordado pelo Pedro, que, depois de uma troca de palavras, lhe disparou dois tiros de pistola que foram atingir o industrial no pescoço. Acudiu a polícia que prendeu o agressor, sendo o ferido conduzido ao posto da Cruz Vermelha do terreiro do Paço, onde lhe foram prestados os primeiros socorros, seguindo depois para o hospital de São José, onde foi observado pelo cirurgião de serviço ao Banco, e em seguida radiografado. Recolheu a casa, depois de devidamente pensado, visto recusar-se a ficar hospitalizado.

Malas Postais

Pelo paquete «Cap-Norte», são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência, às 10 horas. Também por via Marselha se expedem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau. A última tiragem é às 10 horas e 40 minutos.

O Sinal de Alarme

Quanto mais se vê esta linda peça que, a São Carlos está levando sucessivas encenções, mais interesse ela nos desperta, pelo desenvolvimento que lhe foi dado, não esquecendo o esplêndido desempenho que lhe dão todos os seus intérpretes.

EDEN THEATRO

Empresa Conceição Silva, Limitada — Telef. N. 3800 —

HOJE EM SESSÃO PERMANENTE desde às 8 3/4 da noite

ESTREIA da notabilíssima bailarina CERVANTINA

DESPEDIDAS irrevogáveis da notável «tonadillera» e bailarina

IMPERIO ARGENTINA

Figuram no sensacional programa desta noite todas as outras

novidades e atracções

Sábado de Aleluia: ESTREIA duma grande novidade mundial e artística

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

EM BARCARENA

Realizou-se uma sessão de propaganda comunista

BARCARENA, 5.—Como estava anunciado realizouse nesta localidade, não um comício mas sim uma sessão de propaganda comunista. O comício estava para se realizar no adro da igreja, mas devido ao mau tempo é que se deu a sessão na sede da Comuna. Eram 16 horas quando um membro da célula daqui anunciava a abertura da sessão por meio de foguetes e morteiros. Presidia J. da S. Régio secretário-geral de Assis e M. Rodrigues. Falou em primeiro lugar Ferreira Quartel, delegado do partido comunista, que fez a apologia do mesmo, lendo um trecho de Marx e fazendo um apelo a todos os presentes para se sindicarem embora o sindicato não seja tido.

Seguiram-se no uso da palavra Carlos Marques Abel Pereira e Júlio Luis. O terceiro orador defendeu a ditadura do proletariado. Explicou como são os que compunham o Núcleo Sindicalista Revolucionário e o que eles querem. Fez a seguir um paralelo entre as três internacionais optando pela de Moscú e atacando as outras. Afirmou que há mais partidários no seio da central portuguesa da Internacional Vermelha do que da de Berlim.

OS QUE MORREM

Borges Graíña

Realizou-se ontem o funeral deste implacável inimigo do clericalismo

Realizou-se ontem o funeral do professor Manuel Borges Graíña.

O fétetro que ia encerrado numa urna de mogno, coberta com a bandeira nacional, era transportado num armação de artilharia, tirada a duas paradas.

Abriu o cortejo que era numeroso, uma força de bombeiros municipais. Fizera-se representar muitas agremiações, entre elas o Grémio Elias Garcia, Grémio Civismo, Grémio Lusitano, Centro Democrático da Charneca e Liga Naval de Educação.

Junto à campala falaram vários oradores, enaltecendo as qualidades do extinto, e a tenacidade e a inteligência com que combateu a reacção clerical.

Uma nota reveladora da influência do clericalismo no país: a morte de Borges Graíña foi referida, em meia dúzia de lições, nos grandes jornais. Nenhum deles mencionou a sua acção, a sua vasta obra de propaganda anti-clerical, que lhe ocupou quase toda a sua vida, os seus livros e o Museu das Congregações Religiosas que ele organizou com esforço e sacrifício. Compreende-se: foi um homem que atacou os jesuítas e daí o ostracismo que até na morte o não abandonou.

Alfredo Filipe Carreira

Efectuou-se hoje o funeral do operário da construção civil, Alfredo Filipe Carreira, vítima dum desastre ocorrido, quinta-feira transacta, nas obras da Casa Pia.

O préstito fúnebre saiu às 14 horas, do edifício da Morgue para o cemitério de Benfita.

O comandante dos bombeiros municipais teve a gentileza de ceder um carro para a condução das corças ofertadas pelo pessoal da obra em que o falecido trabalhava.

A secção profissional dos serventes de pedreiro faz-se representar por David Lopes e Antonio Nunes, sendo convidada a classe a incorporar-se no funeral.

Na Morgue deu entrada, ontem, Antonio Joaquim Arrigas, 2.º grumete da armada n.º 4946, da canhoneira «Raul Cascais», que apareceu a boiar no Tejo.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 250.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 500.

A venda em todas as livrarias e na administração de *A Batalha*.—(Desconto aos revendedores).

O desastre de Barcarena

Continua sendo satisfatório o estado do tenente aviador sr. Caldas.

Na sua última reunião, o pessoal de rebocadores e gasolinas resolveu exarar na acta um voto de sentimento pela morte de Mário Graça, e oficial ao Sindicato dos Profissionais de Imprensa.

DESPORTOS

FUTEBOL

Belenses conseguem triunfar do Vitória por 2-1. Portugal bate Chelas por 3-1

A chuva afastou a concorrência de público ao Campo Grande e o interesse pelo resultado também não era de molde a espicaçar a curiosidade, visto que o título de campeão já está definitivamente nas mãos do Sporting. Dai o entusiasmo com-se pelo encontro de desportistas os simpatizantes e filiados dos quatro clubes que entram em jogo. Pelo resultado conclue-se que o Vitória mais uma vez por infelicidade — visto que do pouco jogo que se fez a melhor parte lhe coube, — conseguiu alcançar o campeonato dos zeros, perdendo todos os encontros que fez — oito — nesta época.

O Belenense, com os dois pontos adquiridos, conquistou o segundo lugar, que só lhe poderá ser arrebatado se o Benfica conseguir bater o Sporting, no último encontro, da 1.ª divisão, que falta para acabar o campeonato de Lisboa, o que é problemático, embora não seja impossível.

O Vitória dominando quase sempre em todo o desafio só conseguiu marcar a sua única bola nos últimos minutos de jogo, acentuando-se mais uma vez a falta de remate dos seus avançados.

O Belenense teve uma má tarde, a sua mais fraca exibição desta temporada; salvando-se a linha dos meios, especialmente o centro, que marcou uma bola com um excelente pontapé de recarga, e o guarda-redes, Alai, oportuno nas defesas. Na linha avançada, de notável, não se entenderam entre si, actuando isoladamente esquecidos dos companheiros. A primeira bola foi marcada por J. Rio numa das suas fugidas habituais.

Arbitrou Rosmaninho a contento, reprimindo bem as violências, expulsando do campo Marques dos Belenenses.

O encontro Portugal-Chelas decorreu sem interesse, não se tendo jogado futebol. O Chelas procurou substituir os conhecimentos de técnica, que lhe faltam, pela violência, que tem visto fazer aos outros. E hábito frutificaram com facilidade os maus exemplos, talvez por ser mais fácil, e assim empregando o jogo duro, desleal, fora de toda a regra, procura-se vencer o adversário de qualquer modo. Não está certo. António Brás, que arbitrou, reprimiu como devia a tática empregue pelo Chelas, tendo expulso o jogador que carregou incorrectamente o guarda-redes do Portugal. Este procurou equilibrar-se, conseguindo vencer na intenção de se livrar do último lugar, o que conseguiu se repetir a proeza de domingo passa-o.

Em segundas categorias o Benfica venceu o Sporting por 4-3

Com uma assistência numerosa, realizou-se em Palmela este encontro que despertou entre os aficionados grande interesse. O campo, um perfeito local, permitiu um jogo vistoso como seria de esperar. Entretanto jogou-se bem de parte a parte vencendo muito justamente o Benfica que foi superior, dominando em quasi todo o encontro. Arbitragem de José D. Fernandes muito deficiente. Em quartas categorias, o Benfica marcou dois pontos, por falta de comparação do Sporting.

A festa de «Os Sports»

O mau tempo tirou todo o brilho à festa desportiva organizada por este nosso colega em comemoração do seu 6.º aniversário e realizada no domingo no Estádio. Cumpriram-se apesar disso o programa, tal qual o publicamos, efectuando-se o desafio de futebol entre as linhas representativas de *O Sport de Lisboa* e *Os Sports*, compostas de jornalistas da especialidade, tendo ficado vencedor o primeiro por 3-2 e conquistando assim a posse da taça Armando Machado. Em rugby jogaram o Benfica e Sporting que empataram por 3 pontos cada, tendo o Benfica conseguido marcar um ensaio mais, que o árbitro entendeu não validar, apesar dos protestos do capitão do quinze Benfiquense. No Cross entraram 31 corredores dos 35 inscritos, registando-se a chegada pela ordem seguinte:

1.º António de Almeida; 2.º José Maria Marques; 3.º João Marques Graça; 4.º Celso Costa; 5.º Abílio do Nascimento; 6.º Joaquim Barata; 7.º João Chaves; 8.º Carlos Leal; 9.º Francisco Paiva; 10.º Fernando Guimarães; 11.º Domingos Felizes, 12.º Restilho Calheiros.

Por equipes, a classificação foi a seguinte:

1.º Vendedores de Jornais Foot-Ball Club, 12 pontos; 2.º Sporting, 29 pontos; 3.º Cruz Quebrada, 68 pontos; 4.º União Excursionista, 28 pontos.

«O Vitória» venceu os húngaros por 3-1

Realizou-se ontem, em Setúbal, perante numerosa concorrência o desafio entre o «team» húngaro de futebol que se encontra entre nós e o «Vitória Foot-Ball Club». O grupo visitante foi vencido por 3 bolas contra 1.

Porto-Madrid Militar—Vence Madrid por 3-1

PORTO, 6.—No desafio efectuado hoje no Covelo entre a selecção madrilena e portuguesa venceu a primeira por 3 bolas a 1.—C.

NOVIDADE LITERÁRIA

Acabam de aparecer com grande êxito de livraria os novos livros de Julião Quintinha

Cavalcada do Sonho

(Novelas)

e Terras de Fogo

(2.ª edição corrigida)

Preço—Cada, 8\$00; pelo correio, 9\$00

Deitados à administração de *A Batalha*.

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

HOJE E TODAS AS NOITES

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE ABRIL

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 6,17
T.	6	13	20	27	Desaparece às 19,02
Q.	1	8	15	22	FASES DA LUA
S.	2	9	16	23	Q. C. dia 1 às 8,12
	3	10	17	24	L. C. dia 9 às 3,33
					Q. M. dia 23 às 23,40
					L. N. dia 28 às 2,28

MARES DE HOJE

Praiamar às 0,33 e às 0,58

Baixamar às 6,03 e às 6,28

CAMBIO

Países	Compra	Venda
London, 10 dias de vista	98,25	98,25
London, cheque	98,25	98,25
Paris	12,05	12,05
Suica	12,05	12,05
Belgica	12,05	12,05
Italia	12,05	12,05
Holanda	12,05	12,05
Madrid	12,05	12,05
New York	20,55	20,55
Brasil	20,55	20,55
Noruega	20,55	20,55
Suecia	20,55	20,55
Dinamarca	20,55	20,55
Praga	20,55	20,55
Buenos Aires	20,55	20,55
Viena (1 shilling)	20,55	20,55
Berlim (100)	20,55	20,55
Agio do ouro 1/2	20,55	20,55
Libras ouro	104,50	107,50

ESPECTACULOS

TEATROS

Est. Carlos - A's 21,25 - O Sinal de Alarme.

Teatro - A's 21,25 - O Abade Constantino.

São Luis - A's 21,25 - Rato de Hotel - Concerto de Maria Henriette e Tomás Teran.

Pollitama - A's 21,25 - Amanhecer.

Tirubão - A's 21,25 - As Tanguinhas Mágicas.

Lendão - A's 21,25 - En Sevilla está el Amor.

La Montera.

Elton - A's 20,25 - Sessão permanente: Variedades.

Juvenio - A's 21,25 - Irmãos e A Cidade.

Coliseu dos Recreios - A's 15 e 21 - Companhia de circo.

Sello 307 - A's 20,25 - Variedades.

Il Villaggio (4 Graças) - A's 20 - Animatografo.

Vieno Parque - Todas as noites - Concursos e diversões.

CINEMAS

Olimpia - Chado Terras - Salão Central - Cinema Godes - Salão Ideal - Salão Lisbon - Sociedade Promotora - Educação Popular - Cine Paris - Cine Esportiva - Chameleão - Tivoli - Tortoise - Gil Vicente.

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-R. 2.º

"PÓ RODRIGUES"

O melhor destruidor de pulgas, percevejos, baratas, formigas, etc.

Unicos depositários em Portugal

Salvador Barata Limitada

Sabonete de TOILETTE

19A, R. Gaivotas, 196 LISBOA

Telefone C. 5467

Em venda em todas as droguarias, mercearias e lojas de ferragens.

AGENTES: NO PORTO - Sociedade de Produtos Químicos, Lda. RUA 31 DE JANEIRO, 171, 1.º NAS ILHAS - João Gomes-Funchal

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço \$500

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorragico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral: A. Costa Coelho

Bom Jardim, 440 - PORTO

Poli-clinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres

Medicina, cirurgia e pulmões - Dr. Armando Narciso - A's 4 horas.

Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilas - 4 horas.

Rins, ves. urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 4 horas.

Fele e sifilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 a 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff - 1 hora e meia.

Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 5 horas.

Doenças das crianças - Dr. Cordeiro Ferreira - 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oliveira - 12 horas.

Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 5 horas.

Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 5 horas.

Boca e dentes - Dr. Armando Lima - 4 horas.

Cancro e rádio - Dr. Cabral de Melo - 1 hora.

Raio X - Dr. José de Pádua - 4 horas.

Análise - Dr. Gabriela Beato - 4 horas.

AS MELHORES MEIAS

MAIS RESISTENTES E MAIS BARATAS, são as da rua dos Sapateiros, 70, 2.º

CARVÃO CARDIFF E NEWCASTLE

CARVÃO ANTRACITE E COQUES

Carlos Napoles de Carvalho

Importador Carvão

REPRESENTANTE DOS EXPORTADORES

TABB & BURLETON LTD.

DE NEWCASTLE-CARDIFF-HULL

TELEFONE C. 5897

83, Rua Augusta, 87 - Lisboa

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, - guarnições para móveis -

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO AMPARO, 86 - LISBOA - TELEFONE 3930, N.º 1 gramas, FERRAGENS

António Fraga, Suc.ª

OURIVES-JOALHEIRO

Rua da Palma, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e fregueses que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalharia, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se incomode por eu estar vendendo tão barato. Peço uma visita à minha casa. Temos anéis com pedras finas, desde 30\$00. Confrontem a qualidade dos brilhantes e os seus preços, e verão depois quem melhora e mais barato vende. Há sempre artigos em 2.º mão renovados com pouco feitiço. Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a rua da Palma

TELEFONE 3676 NORTE

O MELHOR ANTI-BLENORRÁGICO

CURA PURGAÇÕES E PROSTATITES SEM INECÇÕES

Caixa 18\$00

Rua da Escola Politécnica, 16 e 18 LISBOA

MATERIAL ELÉCTRICO

MONTAGENS E REPARAÇÕES

FORÇA MOTRIZ

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L.ª

(ELECTRICITY)

ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16 LISBOA

OURO MAIS BARATO

na ourivesaria e relojaria de

Anibal Borges da Silva Corrêa

Rua 20 de Abril, 176

(antiga S. Lazaro)

Grande sortido de cordões, cadôas e mais objectos próprios para BRINDES

OURO MAIS BARATO

Só na R. do Comércio, 19 e 21

Botas em vitela preta, 21 desde 50\$00. Idem forma da moda, desde 70\$00. Sapatos em verniz para senhora, formato moderno, desde 65\$00.

Grande sortido para crianças

Sais DERMOXA

Curam todas as dores e males dos pés

INCHAÇÃO

ENTORPECIMENTO

QUEIMADURAS

DUREZAS

BOLHAS D'AGUA

TRANSPIRAÇÃO

COMIÇÃO

O MELHOR CONTRA A TRANSPIRAÇÃO

A venda em todas as farmácias e drogarias. Depósito: Mário Brandão, Ltd. - Rua Eugénio dos Santos, 60 - Lisboa.

N. B. - Exijam os verdadeiros Sais "Dermoxa" e rejeitem as imitações que não têm nenhum valor curativo. Laboratório J. Hamet, 62, Rue Gambetta - Paris

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Purgações

CURA infalível e radical em 3 dias com o afamado

SECANTE BARTHE

Preço 15\$00 - Dolo corredo oculto 16\$00

VIUVA SIMÕES & TEIXEIRA

RUA DOS SARRQUETOS, 236

E OUTROS DEPOSITOS

Biblioteca Civilização

NOVELAS já publicadas, ao preço de 2\$00 cada, em todas as livrarias

I - Perdão - novela regional, por Campos Monteiro.

II - A primeira Dulce que houve em Portugal - novela histórica, por Silva Lages.

III - O Vingador - novela histórica, por João Gravel.

Miss Esfinge

POR

CAMPOS MONTEIRO

ACABA de ser posto à venda a 3.ª edição deste romance, já largamente consagrado pelo público e no qual tomam parte Camilo Castelo Branco, Ana Plácido, Custódio José Vieira, Marcelino de Matos, Martins Sarmento, o Marques de Niza e o Dr. Assis. Romance de enredo emocionantíssimo e que pode ser lido a todas as mãos.

Um grosso volume de 350 páginas, 10\$00; à venda em todas as livrarias.

Camilo Alcoforado

(Continuação de "Miss Esfinge")

Romance por CAMPOS MONTEIRO

Um vol. de 400 páginas 12\$50

Livraria Civilização Editora - Porto

Sistema americano

Grande alegria nos lares

GÊNEROS de mercearia e papelaria a retalho pelo preço de atacado. Rua de São Julião, 24 a 26.

Calçado BARATO

SÓ VENDE

o

CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Botas de vitela branca..... 39\$50

Botas de vitela branca de 1.ª 44\$00

Botas calf preto de 1.ª 70\$00

Botas calf preto forma moderna 82\$50

Botas calf cor, 2 solas coridas 80\$00

Sapatos verniz, canos camurça 95\$00

Sapatos calf, canos camurça 60\$00

Calçado Senhora

Sapatos calf 63\$00

Sapatos calf ex. tra 70\$00

Sapatos verniz 60\$00

Sapatos salto da moda 75\$00

Sapatos calf cor 60\$00

Sapatos salto 60\$00

Sapatos calf modelo sandália 65\$00

Sapatos verniz, modelo sand 70\$00

Sapatos verniz salto raso 70\$00

Completo sortimento em calçado mecânico marca "Elite". Botas verniz canos camurça. Botas pelica preto ou cor, tanto em forma americana como forma da moda.

BOM E BARATO!!!

Féto de fatos, com bons forros e esmerado acabamento, a 200\$00. Aos operários sindicados 10 % de desconto.

Manuel Justino de Oliveira

Rua de Campolide, 61

(Última paragem do eléctrico)

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cor, para marceneiros, serradas em todas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglesinhos, 50 - LISBOA

PEBRAS PARA ISQUEIROS

Metall Auer, assim como rodas ôcas e metallas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lampôas. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (2.ª) a casa que fornece em melhores condições.

OURO MAIS BARATO

Vende a Ourivesaria A. M. NEVES

RUA DOS ANJOS, 26

(em frente à Calçada do Conde D. D. D.)

Da sua magnífica exposição que constitui um belo sortido de CADEIAS, CORDÕES, BRINCO e mais objectos próprios para BRINDES.

Aos Marceneiros

Guarnição, fletas e gaveta boa, m..... 380

grade e soco, m..... 1200

Cinhalhas diferentes feitos, desde m..... 1350

Macanetas amarelas desde c..... 1350

Balaustres c/ 5-6-7-8-9..... 335

Pés ameiros c/ 5-6-7-8-9-10-11..... 1350

Colunas meza cabeceira, c..... 2350

Madeiras serradas, em almofadas e 25 m/ 55 e 75 em urmo, ameiro, cedro, freixo, nogueira rixo e macaúba, m/ 3, desde..... 600200

Pinho serrado, a fios, 3-4-5 fios macaúba, - Ferragens para moveis.

Cal, areia, cimentos e mosaicos. Preços baratos

Remete para a provincia.

Camp/ dos Mártires da Pátria, 68

- J. FERREIRA -

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POAIS DE SÃO BENTO, 37

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49 LISBOA

TELEFONE 2554 C

CARTÃO-PALHA

de superior qualidade

Fabrico Nacional

Pedidos à

COMPANHIA INDUSTRIAL DE TANCOS

Rua da Madalena, 17, 3.º - LISBOA

MEIAS DE SEDA, DESDE 7\$50

LISAS, as RISCAS e com BAGUETE aberta, em preto e todas as cores da moda. Desconto para revenda.

SÓ NA RUA DOS SAPATEIROS, 73, 2.º

CAPAS DE OLEADO - DESDE 60\$00

OPTIMAS qualidades. Nova fábrica de José Ferreira Gomes, Ltd.ª, R. do Vale de Santo António, 55 - Telef. 3315-C.

Depósito Geral de Lanifícios

267 } Não tem loja } 267

1.ª, 2.ª e 3.ª } Rua dos Anjos 1.ª, 2.ª e 3.ª

Venda directa ao publico de CHEVIOTES para 17800 cada metro e FATOS DE FANTASIA

SERPOZIL

NOBRE SOBRINHO

Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da

TOSSE CONVULSA

E' laxativo e expectorante e de sabor agradável.

DEPÓSITO: - Rua de Santa Justa, 45, 2.ª - LISBOA.

Teixeira Lopes & C.ª, L. da

CASTANHO MUITO SECO

Largo dos Inglesinhos, 50 LISBOA

Martinha, precedendo Quatro Mãos o Padeiro e sua mulher, os receios de Joana eram fundados; muitos dos criados dos clérigos ou dos nobres se misturavam com a multidão, e de vez em quando proferiam alguma injúria grosseira contra os comuneiros, correndo depois a bom correr; cavaleiros com as suas armaduras atravessavam a rua a cavalo, de mão na ilharga e de viscira levantada, lançando sobre a população e a burguesia olhares de desprezo ou de desafio. Estas provocações redobravam sobretudo nas proximidades do sitio onde estava reunida a milícia, à frente da qual o chefe do corpo municipal de Laon e os seus doze vereadores deviam dirigir-se processionalmente ao palácio da Comuna, a fim de inaugurá-lo com uma sessão solene, as reuniões destes magistrados tendo tido lugar até então em casa de João Molrain, o chefe do corpo municipal.

A praça do mercado, igual á de todas as da Gália, compunha-se de compridos alpendres, debaixo dos quais ao sábado e algumas vezes noutros dias da semana, os mercadores, abandonando as suas lojas habituais, iam para os seus balcões do mercado expôr gêneros e mercadorias; os habitantes de fora dos subúrbios, que vinham prover-se a Laon, encontravam portanto, num mesmo sitio tudo quanto precisavam. Mas a praça do mercado neste dia de festa, servia de ponto de reunião a [bom número de burgueses e de artistas, que se tinham armado a fim de se juntarem ao cortejo e dar-lhe um carácter mais solene.

Em caso de guerra todo o comércio devia, ao primeiro toque do sino, munir-se duma lança, dum machado ou dum pau, e correr ao lugar da reunião. A multidão mostrava-se indiferente ás insolentes ironias ou ás provocações dos episcopais; a maioria dos comuneiros sentia-se assaz forte para desprezar estes desafios; outros, menos resolutos, obedecendo a uma certa apreensão daqueles nobres cobertos de ferro, quasi todos habituados ao manejo das armas, e contra os quais os laoneses não se tinham ainda medido, porque deviam a sua liberdade não a uma insurreicção

de Laon representava duas torres com ameias, entre as quais se via uma espada desembainhada; era este o sentido do emblema: «A nossa cidade fortificada de muralhas saberá defender-se com as armas contra os seus inimigos». Um segundo vereador trazia, num estojo de prata dourada, em cima de uma almofada de seda, a carta comunal assinada pelo bispo, pelos nobres e confirmada pela assinatura de Luis o Gordo, rei dos franceses. Finalmente, um terceiro vereador trazia, também numa almofada, o selo de prata da Comuna, que servia para selar as escrituras e as sentenças proferidas em seu nome pela vereação; esta grande medalha fundida, representava o chefe do corpo municipal, vestido de comprida toga, com a mão direita levantada para o céu, parecia prestar um juramento, ao passo que na mão esquerda tinha uma espada, desembainhada da qual a ponta lhe descansava no coração. «Eu, chefe do corpo municipal de Laon, jurei conservar e defender os privilégios da comuna; antes morrer do que trair o meu juramento!» Tal era a significação patriótica do selo Comunal.

Quando chegaram os magistrados da cidade, Fergan, que dava as suas últimas ordens aos milicianos, viu sair da multidão um padre, arceidiado da catedral e chamado Anselmo. Fergan tinha grande aversão aos tonsurados, mas estimava muito Anselmo, verdadeiro discípulo de Cristo.

Fergan, disse em voz baixa o arceidiado ao cabouqueiro, pede aos teus que tenham sossego e prudência, dize-lhes que não respondam a nenhuma provocação, eu não posso dizer-te mais, o tempo urge, corro ao bispado. Dizendo estas palavras, Anselmo desapareceu na multidão. O conselho do arceidiado, homem sensato, estimado de todos, e pela sua posição no caso de estar seguramente informado, impressionou Fergan, o qual não duvidou de uma conspiração tramada ás ocultas pelos episcopais contra a comuna, e, profundamente preocupado, poz-se à frente dos milicianos, a fim de acompanhar até ao palácio comunal o chefe do corpo municipal e os vereadores.

Fergan inscreveu aqui os seus nomes obscuros, poisam eles ser queridos sempre da tua memória, filho de Joel!

O chefe do corpo municipal chamava-se: João Molrain; os vereadores: Foulque, filho de Bomar; Raoul Cabricion; Ancel, genro de Lebert; Haymon Payen-Seille; Roberto; Remy-But; Menard-Dray; Raimbaut; Payen-Oste-Loup; Ancel Quatro-Mãos e Raoul Gastines.

O cortejo poz-se a caminho no meio das aclamações alegres da multidão, bradando o entusiasmo: «Comuna! Comuna!» ao qual se juntava o sonoro toque do sino, porque os dos cléricais tinham-se calado finalmente, receando, em fim, parecerem tomar parte na festa pelos seus toques prolongados; o cortejo, antes de chegar à praça onde se elevava o palácio comunal, passou defronte da morada do Haut-Pourcin, casa forte flanqueada de duas grandes torres reunidas entre si por uma espécie de terraço, formando sacada por cima da porta; nesta espécie de varanda achavam-se reunidos grande número de cavaleiros, de padres e de nobres senhoras elegantemente vestidas, umas moças e bonitas, as outras velhas ou feias; entre as menos idosas e as mais feias distinguia-se sobretudo a senhora Haut-Pourcin, mulher alta, com os seus cincoenta anos, seca, ossuda, de cara arrogante, vestindo um surcote cor de violeta, com botão de ouro enriquecido duma romeira com penas de pavão; em cima dos seus cabelos grisalhos tinha galantemente posto uma capela de brancos lírios do mesmo modo que o teria feito uma pastorinha; a brancura destas florinhas ainda fazia mais amarela a tez biliosa da senhora Haut-Pourcin, tez menos amarela entretanto que os seus compridos dentes.

A' vista do cortejo, à frente do qual caminhavam o chefe do corpo municipal e os vereadores, ela dirigiu-se ás pessoas que a acompanhavam e exclamou com voz acre e aguda, que foi ouvida pelos comissários, porque o terraço não tinha mais altura do que doze ou quinze pés:



As classes de tanoaria do Porto realizaram um grande comício

Todos os oradores proclamaram duras verdades e puzeram a descoberto os maneios torpes do patronato

PORTO, 4. — No Centro Republicano Guilherme Braga, isto na rua Cândido dos Reis, Gaia, efectuou-se ontem, a noite, uma reunião magna das classes dos tanoeiros, serradores e trabalhadores de armazéns de vinhos do Porto e Gaia.

A rigor, tratou-se de um autêntico comício, no qual a pirataria inglesa foi rudemente atacada, em consequência de não querer reconhecer a desumanidade do trabalho de empreitada e a justiça da sua abolição necessária, emergentemente exigida pela altivez daqueles trabalhadores.

A firma Cok Burns Smiths, cujo pessoal está, há dois longos meses, em greve heroica, foi, de preferência, a alvo da acerba crítica dos oradores: é que ela, com o seu despótico gerente Alexandre Ferreira, perigo fútil do capitalismo estrangeiro, é a que está a servir de «cabeça de turco» para conseguir a perpetuação dos caprichos roedores dos comerciantes-exportadores britânicos, os mais renitentes em atender as humanas reclamações.

A esta imponente reunião assistiram, além de vários militantes da indústria de tanoaria e outras profissões, delegados dos Chauffeurs, da Federação Marítima, C. G. T., Federação Corticeira, U. S. O. e Federação Metalúrgica.

Já passavam das 19 horas quando o camarada Joaquim do Carmo avançou à boca do proscênio do teatro de Centro, enfeitado com as bandeiras das Associações dos Tanoeiros e dos Trabalhadores de Armazéns de Vinhos, para recomendar à assembleia o máximo respeito e serenidade para com todos os oradores. Todos têm o direito de rebater opiniões contrárias, mas pela sua ordem, pedindo, para isso, a palavra. Aos operários ali reunidos basta-lhes a justiça das suas reclamações, a razão da sua quebra.

A seguir, convidou Alvaro da Silva, da delegação federal marítima, para presidir, e para secretariá-lo, José Rodrigues Cardoso e Agostinho de Almeida, respectivamente das direcções dos tanoeiros e dos trabalhadores de armazéns de vinhos.

Defende-se calorosamente a abolição do trabalho de empreitada

O presidente saúde, em nome da Federação Marítima, os operários em greve e as classes que representam, e aconselha para que todos sejam firmes e solidários na luta pela vitória, a qual, não só interessa aos tanoeiros e similares, mas a toda a gente que trabalha: a emancipação dos tanoeiros é a emancipação do proletariado em geral.

Mário de Carvalho, da delegação confederal, afirma que os orientadores de tão justo movimento não tem descansado na sua penosa tarefa para conseguir a solidariedade de todos os trabalhadores. E a prova disso, atesta-o a representação das centrais portuguesas: Federações Metalúrgica, Corticeira e Marítima, C. G. T. e U. S. O. P.

Entrando, propriamente, na ordem dos trabalhos, pulveriza, uma a uma, todas as falsas afirmações produzidas numa reunião de exportadores, onde o sr. Alexandre Ferreira foi o «alter-ego» das ambições inglesas. A asseveração tã de que a abolição da empreitada prejudica os interesses do país e o comércio de exportação de vinhos e uma flagrante necessidade; visou apenas a estabelecer um ambiente emocional que pudesse originar a crença de que o país caíria numa tremenda ruína.

O único prejuízo que poderá haver é em alguns milhares de libras que o egoísmo dos interesses particulares ingleses pode deixar de arrebatar para os seus cofres fortes a recato no estrangeiro. Na Inglaterra, os exportadores britânicos contariam pela frente com a classe operária organizada; aqui, neste desgraçado país, sabem que está tudo num caos, que há políticos que se vendem e até as próprias autoridades.

É preciso, porém, dizer-se bem alto que, embora isto não seja Inglaterra, também não é país conquistado de pretos: os operários portugueses já vão igualmente reconhecendo os seus direitos, o seu valor na ordem social e económica, motivo, também, porque se vão emancipando espiritualmente para fazer vingar as suas justíssimas prerrogativas. E para esta legítima conquista que eles se organizam; é para isso que os tanoeiros se encontram em litígio com os potentados ingleses: querem mais humanidade, menos escravidão física e moral.

As manobras hipócritas duma firma inglesa

Joaquim do Carmo refere-se largamente aos dois meses de luta tenaz.

Disseram — e nisto sobressaiu Alexandre Ferreira — que os tanoeiros estavam fora da lei, porque abandonaram a casa Cok Burns Smiths sem que pedissem licença ao sr. Alexandre Ferreira. E porque assim não procederam, demonstrando uma ridícula subserviência, vá de se garantir que não existia greve alguma, mas simplesmente uma falta de tanoeiros, pelo que o gerente da firma Cok Burns Smiths mandou deitar anúncios nos jornais pedindo pessoal.

Não é a falta de tanoeiros do que se trata, o que se observa, é um movimento grandioso de reivindicação e contra o escavamento do sr. Alexandre Ferreira, dos ricos exploradores e exportadores de vinhos — movimento este que há de ficar indelevelmente gravado nas páginas da história dos trabalhadores portugueses.

Não pode, no entanto, deixar de censurar a atitude de certos trabalhadores de armazéns, que têm traido tanta simpática causa.

O que é para estranhar, é o facto da casa Cok Burns Smiths e outras firmas empregarem junto das autoridades todos os seus esforços para que os grevistas sejam esmagados. Mas então, existe ou não a greve? Os factos são concludentes.

Nem as habilidades do sr. Alexandre Ferreira, nem as violências da guarda republicana ou seu lado, conseguiram vencer os grevistas: é porque a razão, o direito e a justiça estão do lado dos escravizados. Mário de Carvalho, voltando a falar, reafirma sucintamente todas as demarques efectuadas para a boa solução do conflito. O sr. Alexandre Ferreira nada rescivia, já

porque as casas inglesas estão de olhos fitos na firma Cok Burns Smiths, já porque os operários não tiveram qualquer consideração para a casa que representa, abandonando o trabalho. Entre as muitas e curiosas considerações daquele gerente, chegou-se à descoberta franca de que os exportadores pensam num lock-out, pelo que o orador respondeu: se os tanoeiros, como se disse, estão fora da lei, muito mais ainda estão os industriais-comerciantes, atirando para a miséria uma infinidade de famílias.

A solidariedade a prestar aos grevistas

Joaquim do Carmo, referindo-se à solidariedade a prestar aos filhos e às famílias dos grevistas, declara que a comissão tem intensificado, não só entre os colegas dos grevistas que trabalham, mas entre o operariado em geral, a necessária propaganda em tal sentido.

Quanto às ameaças do lock-out, essas arremetidas de leão já não assustam ninguém nestas épocas de revivescência revolucionária.

O que é de estranhar, é que sendo a firma Cok Burns Smiths muitas vezes milionária, ela vá, ali, pedir o auxílio das autoridades e a solidariedade dos seus colegas. E que ela sabe, positivamente, que já perdeu moralmente a questão. O que agora procura é fazer perder a paciência duma classe tão laboriosa.

É preciso, porém, que se compreenda que, não se imiscuindo o operariado em patrimonismos, ele saberá fazer respeitar os seus direitos, impondo-se a todos os patrões, quer eles sejam nacionais, quer eles sejam ingleses, chineses ou tuteões.

Um sargento da G. N. R. ao lado das «forças vivas»

Flagela, indignadamente, a revoltante proeza do sargento do posto da guarda republicana de Gaia, pela qual demonstrou a sua ferocidade. Este sargento encontrou alguns operários estendidos no chão e a serem gravemente agredidos. Em vez, porém, de prender os agressores, prendeu brutalmente os agredidos: estes são grevistas, reclamam mais um pouco de bem estar; aqueles são amarelos, transformam-se em raios para morderem os seus próprios colegas da desgraça em benefício dos seus exploradores. Diz-se que este procedimento obedece a uma caixa de vinho generoso oferecida pela casa Cok Burns Smiths.

Os trabalhadores de Vila Nova de Gaia devem reclamar a expulsão desse sargento, já há muito conhecido como arbitrário, despota e bárbaro. Quando as feras não se domesticam, metem-se numa jaula.

(Nesta ocasião, como se apresentasse quem alegue da guarda republicana estava a espionagem e se preparava para deter Joaquim do Carmo, a assembleia levantou-se, como um só homem, em protestos, tornando-se um momento admirável de solidariedade. Contudo, não chegaram a compreender se haveria razão ou se se tratava dum equívoco).

Depois de Joaquim do Carmo mais uma vez verberar energicamente o proceder da guarda, lá a seguinte moção:

1.º Que na Associação Comercial do Porto; no passado dia 25 de Março, o sr. Alexandre Ferreira, gerente da casa Cok Burns Smiths, afirmou que a grande maioria dos operários tanoeiros não pretendiam o trabalho por dia e que a reclamação na sua casa era obra de uma pequena minoria e tendo-se em conta que esta afirmação é menos verdadeira, visto reconhecer-se que os propósitos de esse senhor tinham em mira arrastar os seus colegas, iludindo-lhes a boa-fé, a praticarem impensadamente actos que o bom senso e os seus próprios interesses aconselham a pôr completamente de parte;

2.º Que a greve na casa Cok Burns Smiths se tem mantido duma maneira brilhante, a despeito de já durar há dois meses, tendo passado por fases dignas de ser registadas na heroica história da classe dos tanoeiros;

3.º Que o procedimento da comissão de «demarques» foi o mais justo e harmonioso, como se prova com a nota oficiosa que tornou pública em 31 de março do corrente ano, visto que do contrário deixaria de defender, como é seu dever, os legítimos interesses e o prestígio dos organismos que representa;

4.º Que é um sagrado dever, não só dos tanoeiros e serradores mecânicos, mas ainda dos trabalhadores de armazéns, bem como de todos os trabalhadores, prestar a máxima solidariedade material aos seus camaradas tanoeiros, que há dois meses, veem sustentando uma heroica luta contra os despotas da casa Cok Burns Smiths, e verificando-se que a solidariedade, muito longe de deprimir ou humilhar, é uma das mais sublimes manifestações humanas, motivo por que todos a devem praticar segundo as suas possibilidades;

5.º Que o «lock-out» com que os gerentes da casa Cok Burns Smiths nos ameaçam não passa dum «papão-fantasma» com que nos pretendem intimidar mas que nunca poderá ter o efeito que esses senhores pretendem, porque mesmo posto em prática não será unânime, visto que a maioria dos exportadores de vinhos e industriais de tanoaria não se deixaram arrastar pela «secreia» dos interesses reservados e inconscientes da casa inglesa Cok Burns Smiths, constatando-se, portanto, que o «lock-out» só existe na fantástica imaginação dos gerentes da casa em referência, muito especialmente na do sr. Alexandre Ferreira;

6.º Que para bem do brio e da dignidade das classes operárias, se impõe o dever de responder com energia a aqueles que se prestam ao papel de traidores, o que até este momento se não tem constatado por parte da classe dos tanoeiros, com excepção dum único homem — o medidor da obra — o mesmo não se verificando da parte dos camaradas trabalhadores, visto que uma parte do pessoal se entregou aos seus verdugos; mas constatando-se que o gesto destes não contribui para a derrota do movimento, porque ao lado dos grevistas se encontram moralmente todas as classes trabalhadoras de Portugal, com especialidade a organização operária do Porto e arredores, bem como os marítimos;

7.º — Que o procedimento do comandante do posto da Guarda Republicana de Gaia, prendendo os agredidos e deixando impunes os agressores é a completa antítese do princípio de ordem que diz defender, saltando assim sobre a moral, o bom senso e até sobre a própria Constituição da República Portuguesa, pois que com o seu comprovado procedimento parcial, dá margem para aqueles que têm a infelicidade de não estar nas suas boas graças — a que os olhos do povo — o maior e mais justo de todos os juizes — fique sem qualquer parcela de prestígio e autoridade que tão pessiamente representa em Gaia; e reconhecendo-se a imperiosa necessidade de pôr, com completa clareza, a verdade, para que a calúnia não possa progredir; os operários tanoeiros, serradores mecânicos e trabalhadores de armazéns de vinhos de Porto e Gaia, reunidos na sua máxima força no amplo salão do Centro Guilherme Braga, resolvem:

1.º — Declarar publicamente que a numerosa classe dos operários tanoeiros pretende a abolição pura e simples do trabalho por empreitada e que não dá o direito, seja a quem for, de fazer afirmações em seu nome, motivo porque repudia com energia as frases que o sr. Alexandre Ferreira proferiu na Associação Comercial do Porto no passado dia 25 de Março;

2.º — Autorisar as direcções das classes empenhadas no movimento a elaborarem um relatório que historie as principais fases da greve e ponha em relevo a acção daqueles que nos têm coadjuvado;

3.º — Louvar a comissão de demarques pela nobre atitude tomada e ratificar-lhe a plena confiança das classes que a mesma representa;

4.º — Delegar nas direcções e comissão de demarques para que estas procedam de maneira a cumprir o 4.º considerando;

5.º — Dar plenos poderes ao comité secreto para que o mesmo salvaguarde os interesses das classes, caso se venha a realizar o apregoado lock-out, afirmando desde já as classes que esse papão não as intimida;

6.º — Afirmar a maior repulsa pelos traidores, dando ao comité plenos poderes para agir segundo as circunstâncias;

7.º — Protestar veementemente contra o procedimento da guarda republicana de Gaia, afirmando, como princípio, que o seu comandante deve, para bem da humanidade, ser retirado desta vila, apoiando para isso qualquer campanha que se venha a fazer.

Esta moção foi aprovada por aclamação e entre vivas aos operários tanoeiros, trabalhadores dos armazéns de vinhos, C. G. T., etc.

O comício é encerrado no meio do maior entusiasmo

Combate vigorosamente a empreitada: ela não foi estabelecida para beneficiar o operariado, mas para uma maior expansão de exploração humana, visto que é pessiamente remunerada.

Aludindo às brutalidades da guarda republicana, contra a qual lavra também o seu protesto, declara que a manifestação que há pouco a numerosa assembleia fez a propósito da mesma guarda, veio-lhe fazer reviver o sanguinolento caso passado em Silves, em que, mercê da solidariedade dos corticeiros, a mesma mantenedora da ordem disparara contra eles, perpetrando mais um crime monstruoso.

Termina mais uma vez por saudar os tanoeiros e classes similares, desejando que todos compreendam que a emancipação dos trabalhadores só aos trabalhadores compete.

Levanta um viva aos trabalhadores de Gaia e A. I. T., vibrantemente correspondido.

Manuel Claro, em nome da classe dos «chauffeurs» e da comissão de solidariedade aos grevistas, saúde as classes reunidas e os operários em luta. O movimento dos tanoeiros, que lhe é bastante simpático, tem de sair vencedor, porque ele alinha-se na razão, no direito, na justiça, na moral e nos próprios sentimentos de humanidade. A empreitada deprime os caracteres, trunca os bons sentimentos, deapera o físico: conduz-nos à soberbia, à imoralidade, à tuberculose, à morte.

Falaram ainda Agostinho de Almeida, da Federação da Tanoaria e Anexos, António Joaquim dos Reis e Francisco de Sá, o último dos quais, ironicamente, disse que em vez dos patrões fecharem as suas portas na segunda-feira, seria melhor já não deixarem fazer hoje a costumada arrumação. Joaquim do Carmo agradece a gentileza da direcção do Centro Guilherme Braga em ceder o salão e pede para que todos saiam em ordem para a guarda republicana não encontrar pretextos para cevar os seus instintos no sangue do proletariado.

O comício, depois dumas breves palavras do presidente, que citou o lock-out que a sua classe — os barqueiros e fragateiros — sofreu, inutilizando-o com a sua acção e solidariedade — termina no meio do maior entusiasmo e aos vivas à C. G. T., emancipação dos trabalhadores, etc.

PROPAGANDA SINDICAL

Na Associação dos Corticeiros

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda Sindical do Beato e Olivais, realizou-se amanhã, pelas 20 horas, na Associação dos Corticeiros, rua Marvila, 57, 1.º, uma sessão de propaganda sindical em que usaram da palavra delegados da C. G. T., U. S. O., F. J. S., N. J. S. L., U. S. Metalúrgica, C. Civil e organismos da área.

INTERESSES DE CLASSE Funcionários telegrafo-postais

Os aposentados têm de ser melhor considerados pelo Estado

O decreto n.º 10.204, de 22 de Outubro último concedeu novas categorias e aumento de vencimentos a todos os telegrafo-postais. Segundo o disposto no art.º 1.º da lei n.º 1332, de 26 de Agosto de 1922, de todos os benefícios, concedidos aos telegrafo-postais na actividade, participam os seus colegas aposentados, pelo que estes requereram oportunamente a parte que lhes viesse a caber.

Mas com surpresa têm conhecimento de que o aumento apenas incide sobre a importância da pensão (menos 15,5 % da dos seus colegas na actividade) com a agravante da extinção do abono das percentagens pelos anos de serviço a mais dos trinta, e ainda com redução na importância das respectivas melhorias, passando assim a ficar com menos do que já tinham.

E também de notar que a diferença entre os vencimentos dos activos e dos aposentados seja relativamente elevada pois que enquanto um sub-inspector na efectividade auferia Esc. 1.157.660 por mês, o de igual categoria aposentado, ainda mesmo com 40 ou mais anos de serviço, apenas fica recebendo 644.542 ou sejam menos 513.118. Não é mais fêl o pessoal menor porque enquanto um carteiro de 1.ª classe aposentado auferia mensalmente em regra 299.500 o de igual categoria na efectividade recebe 700.000 a mais.

O telegrafo-postais aposentados e suas famílias lutam com as maiores dificuldades, vivendo quasi na miséria.

Os telegrafo-postais constituem uma classe que presta relevantes serviços a todo o país, a todas as classes sociais.

São uma legião de trabalhadores indispensáveis à vida de qualquer sociedade civilizada.

Têm, portanto, o direito de serem devidamente considerados pelo Estado, a quem eles servem, e que vive das contribuições de todos que dos seus serviços necessitam.

Aqueles que envelheceram ou se arruinaram ao serviço do país e do Estado, seu principal patrio, não podem ser assim despresados, votados à miséria.

Não seria descabido que os funcionários telegrafo-postais na efectividade se ocupassem um pouco da situação dos seus camaradas aposentados, e não devam aqueles esquecer que virão um dia a estar na mesma situação.

EM GUIMARÃES

O horário de trabalho desrespeitado por alguns operários da construção civil

GUIMARÃES, 3. — O horário de trabalho está sendo traído por 15 operários da construção civil ao serviço do mestre Joaquim Faria Moreira Ramalhão, do Porto.

Há cerca de duas semanas a comissão de demarques do S. U. da Construção Civil entrevistou os encarregados do sr. Ramalhão, obtendo como resposta que o referido mestre declarara que o horário de trabalho é de 10 horas, sendo despedidos todos os que o não respeitem.

Não sendo possível encontrar aquele roceiro, a comissão procurou o delegado do governo, a fim deste procurar que a lei seja cumprida. A pesar de todas as demarques, eterniza-se este conflito que está indignando o operariado citadino.

Vão realizar-se novos trabalhos para a solução do assunto. — E.

Conferência inter-sindical do Algarve

A comissão organizadora previne os interessados que a Conferência Inter-Sindical se realiza nos dias 3 e 4 de Maio e que as teses serão publicadas em A Batalha com a devida antecedência, a fim dos delegados puderem estudar.

Deverão enviar as suas adesões até ao dia 15 do corrente, os seguintes organismos:

Faro: Descarregadores de Mar e Terra, Empregados do Comércio. Olhão: S. Unico da Construção Civil, Associação Marítima da Associação dos Soldadores. Tavira: S. Unico da Construção Civil, Associação dos Operários Sapateiros. São Braz: Associação dos Trabalhadores Rurais. Mexilhoeira Grande: Trabalhadores Rurais. Silves: S. Unico da Construção Civil.

Portimão: S. Unico da Construção Civil e Associação dos Operários dos Manufacturadores de Calçado. Lagos: Associação dos Operários Manufacturadores de Calçado e Sindicato Unico da Construção Civil.

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA

S. U. M. de Coimbra. — Ainda não recebemos o vale de que falais no vosso officio.

S. U. M. de Aljustrel. — Digam se receberam o papel timbrado que enviámos.

Joel Pontes. — Vem hoje à Federação. Assunto urgente.

CAÇADO, COUROS E PELES

Guimarães. — S. U. Calçado, C. e P. — Acusam recepção do expediente.

Elvas. — Manufacturas de Calçado. — Respondam ao nosso officio.

Lagos. — Manufacturas de Calçado. — Quando fazem o que combinaram com o delegado desta Federação?

Emídio Cavalheiro. — Precisamos de te falar para assunto de importância para a Federação.

Pró-sede da Casa dos Gráficos

E' já no próximo domingo, 12, que, às 21 horas, se realiza a grande festa, no Salão da Construção Civil, pró-sede da Casa dos Gráficos. A comissão encontra-se muito satisfeita pela forma como a classe tem correspondido ao seu apelo, o que deixa ante- ver uma noite bem passada, a avaliar pelo programa que conseguiu organizar.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Na indústria de conservas

LAGOS, 5. — Reúniram ontem os operários da indústria de conservas que apreciam largamente a crise de trabalho procurando encontrar uma solução.

Joaquim André refere-se aos trabalhadores que trabalham aos domingos, lastimando que esta classe não esteja mais largamente representada para poder combater-se a forma de remediar isso, exigindo em último caso o pagamento dos domingos e todas as horas a dobrar depois das cinco horas da tarde.

Bernardino José, que preside, regosija-se pelo facto de reconhecer que os trabalhadores, agora que já estão organizados, começam a reconhecer os seus direitos procurando conquistá-los como o demonstra o camarada Joaquim André.

A sessão decorreu bastante agitada. Edmund Oliveira apresentou a seguinte proposta que depois, de largamente apreciada, foi aprovada por unanimidade:

«Proporho que os comités das fábricas vão junto dos seus patrões, manifestar-lhes a situação em que nos trabalhadores nos encontramos, em vista da grande falta de trabalho que temos tido e os industriais não terem dado algum «vazio» para nos mantermos nesta ocasião pelo que, tanta falta nos tem feito e tanta miséria tem entrado nos nossos lares.

Assim, mais proponho que os comités de fábricas vão na segunda-feira reclamar dos industriais que deem lata vazia a seguir ao cheio; que caso eles se neguem a tal pedido nós trabalhadores não fechemos o peixe; que na segunda-feira sem falta os comités tragam a resposta.»

Foi apreciado o manifesto editado pela Federação da Indústria de Conservas sendo bem aceite por todos.

No final fez uma larga palestra o camarada José da Silva. — E.

Indústria de tanoaria

No conselho federal da Federação da Indústria de Tanoaria, apreciado o estado das demarques da comissão administrativa da Federação com o governo sobre a crise de trabalho e vasilhame de torna-viagem ficou resolvido entregar-lhe nova exposição no dia 27 do corrente paralisando nesse dia a indústria em todo o país, como prova de solidariedade com as demarques da Federação.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor, a 1000. Consulta especial das 10 às 12. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

O 1.º DE MAIO

Os manipuladores de pão de Lisboa aprovaram, em assembleia geral, uma proposta para que os operários da classe não trabalhem no dia 1.º de Maio, solidarizando-se com todos os outros trabalhadores.

AS GREVES

Manipuladores de Pão

O Sindicato dos Manipuladores de Pão de Lisboa pede aos componentes da classe que não vão trabalhar para Santarém, para não prejudicar os operários de lá, que pretendem igualar os seus salários aos de Lisboa.

Refinadores de Açúcar

Reúniram em assembleia geral, os refinadores de açúcar resolveram declarar a greve em princípio, visto os industriais nada terem resolvido sobre as suas reclamações.

Farmacopeia Portuguesa

Uma remodelação que se impunha

Não correspondendo a actual Farmacopeia Portuguesa às necessidades da moderna ciência farmacêutica, faltando, portanto, qualquer livro oficial que sirva de guia nos trabalhos de laboratório da Farmácia Central do Exército, o que obriga à consulta das farmacopeias estrangeiras, que, por vezes não são concordantes, e havendo necessidade de se estabelecer e definir com precisão as condições de pureza a que devem obedecer os medicamentos que aquela Farmácia Central adquire em larga escala, e ainda estabelecer os métodos de adoptar noutras análises e as condições de pureza e preparação dos reagentes a empregar, foi nomeada pelo ministério da guerra uma comissão para elaborar os métodos oficiais de análise a adoptar.

Essa comissão será composta pelos farmacêuticos: major José Cândido Coutinho; capitão Bernardo Augusto da Costa Simões e José Pedro Alves; alferes Romero Ferreira e Alfredo da Palma Vaz.

Com esta remodelação irão, certamente, beneficiar todos os profissionais de farmácia, que há muito tempo já veem sentindo as deficiências existentes na Farmacopeia Portuguesa.

Queixas e reclamações

Por não ser cúmplice no roubo

Informa-nos o manipulador de pão Joaquim Lourenço que, estando ao serviço da padaria da rua do Convento da Encarnação, onde desempenhava as funções de amassador, foi despedido dali em virtude de se recusar a pesar o pão em massa com 450 gramas o qual, uma vez cosido, apenas fica com o peso de 350 gramas.

Afirmou-nos o mesmo operário que já reclamou junto da Companhia Nacional de Moagem contra a sua demissão sem que fosse atendido.

Aqui fica exarado o seu justo protesto, que é também uma advertência ao público para não se fornecer naquela padaria.

Vida Sindical

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação de Tanoaria. — Reúniu o Conselho Federal, com a comparencia dos delegados dos Sindicatos de Lisboa, Almada, Porto e Gaia, Mecânicos de Lisboa, Trabalhadores de Armazéns de Lisboa e T. A. do Porto e Gaia.

Deliberou proceder à reorganização dos Trabalhadores dos Armazéns de Vinhos de Lisboa indicando mais uma vez a comissão administrativa a conveniência de editar um manifesto.

Nomeou Fausto Teixeira, dos Mecânicos em Madeira, para o cargo de secretário administrativo em substituição de José Martins. Nomeou a comissão revisora de contas que ficou composta por João de Almeida Fausto Teixeira e Faustino Ferreira.

Nomeou a comissão organizadora do 2.º Congresso Corporativo a efectuar-se em 9 e 10 de Agosto próximo em Gaia, que ficou composta por Fausto Teixeira, Manuel da Costa e Faustino Ferreira.

Mais deliberou que os delegados não sejam indemnizados dos salários correspondentes aos dois primeiros dias do Congresso, convenção esta que ficará sempre de futuro prevalecendo.

No final resolveu saudar os camaradas de Lisboa e Gaia actualmente em luta com o patronato.

Caixeiros de Lisboa. — Tomaram posse no dia 20 de Março findo, os novos eleitos para o ano corrente, que são os seguintes camaradas: Assembleia Geral — Presidente, José de Almeida; 1.º Secretário, Manuel Rodrigues; 2.º Secretário, Alda Amancio. Direcção — Presidente, Dário Nova; Vice-presidente, Dário Nova; Tesoureiro, José Córvo; Vogais, José Faustino Gonçalves, Carlos Soares e Pedro Luis Resende. Delegados à U. S. O. — Manuel de Figueiredo e Dário Nova. Delegado ao Conselho Geral da F. P. E. C. — António Joaquim Ramos Sergio.

No acto, que foi concorrido, fizeram-se afirmações de dedicação pela Associação.

Manipuladores de Pão. — Reúniram com regular concorrência. Leu-se um officio do sindicato de Santarém dando o apoio moral e material à reivindicação do trabalho diurno. Falaram vários oradores sobre a reclamação a fazer para que seja posto em prática o trabalho diurno, com o que todos estiveram de acordo. A comissão de melhoramentos pediu a sua demissão, melindrada pelo procedimento de alguns operários, tendo-se manifestado a classe solidária com ela, e dando-lhe plenos poderes para continuar tratando dos interesses da classe.

Operários Municipais. — Reúniram ontem os operários municipais para apreciar a oferta de 60 % sobre o aumento de salário. Foi resolvido aceitar a oferta com a condição da Comissão Executiva assinar e chancelar um documento responsabilizando-se pelo pagamento dos vencimentos em atraso e não exercer pressões sobre o pessoal.

A comissão de melhoramentos encontra-se na sede desde as 10 horas de hoje para atender qualquer reclamação.

Foi também resolvido retomar o trabalho.